



CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNO-CAPITALISMO

Cláudia Pereira Ferraz

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Claudiapferraz7@gmail.com

RESUMO: Esta proposta de apresentação, analisa e discute os movimentos ciberfeministas inseridos no tecno-capitalismo e a aquisição da tecnologia como potência ao exercício político. Trabalha como metáfora desta categoria, a condição ciborgue, onde sinergia entre o corpo físico e o aparato em conexão online, demonstrará o reflexo digital do que aqui se reconhece, a potência criativa à outros fluxos de subjetividade. Historicamente, os ciberfeminismos emergiram simultaneamente aos avanços tecnológicos da comunicação, portanto este estudo, irá discorrer sobre os primeiros movimentos ciberfeministas como questionadores e/ou enaltecadores da potencialidade emancipadora do território do ciberespaço. Através do exercício de observação oculta no monitoramento das principais páginas feministas disponíveis na rede social/digital, tem por objetivo, refletir sobre os recentes ativismos feministas e de gênero representados digitalmente, não só como veículos de organização rumo às ruas, mas sobretudo, a sua representação online como campo de debate e crítica, proporcionando outras possibilidades e olhares sobre o sistema patriarcal e neoliberal vigentes no tecno-capitalismo. Esta exposição visa trazer os recentes ciberfeminismos mapeados em suas expressões online, onde serão apresentados como o reflexos digitais da multidão em seu conceito político e sociológico, e a relevância de seu potencial de transcendência às modelações da vida pautadas na normatividade econômica e de gêneros.

Palavras chave: ciborgue, ciberfeminismos, subjetividade, rede social, tecno-capitalismo.

Esta proposta de apresentação oral ao XII CONAGES na temática: “sociologia, identidades, ciborgues e subjetividades” corresponde a um recorte do estudo que vem sendo desenvolvido para a tese de doutorado, “Mulheres, Tecnologia e Política - dos Ciberfeminismos aos Ciber-ativismos Feministas online”. Esta pesquisa que ainda está em fase de desempenho, constata que em diversos aspectos, o tecno-capitalismo avançou em termos de tecnologia da comunicação, mas muito se estagnou no panorama sistêmico do patriarcado¹.

¹ O patriarcado é colocado aqui como um conceito baseado no modelo hierárquico organizacional da *polis* de Aristóteles, quando o direito ao Estado está restrito apenas aos cidadãos homens, e estes são os portadores

Portanto, antes desta exibição apresentar os feminismos em rede social, seus efeitos, e a força potencial da recente condição ciborgue animal/máquina como possível produtora de novas subjetividades, se faz necessário, apresentar o sistema produtor dos modelos estruturantes do tecno-capitalismo. Preciado (2004:33), reconhece neste sistema, os domínios dos fluxos produtores de sentidos como matéria prima do tecno-capitalismo. Ou seja, se dá na produção da informação, na cultura nas relações sociais, e na esfera da

de vozes. Num plano inferior estavam os escravos, estrangeiros e todas as mulheres, compondo assim, um modelo de estado bastante restrito e até hoje ativo em muitos aspectos do pensamento ocidental, colonizador e globalizante.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

teoria econômica recente. Preciado (2009) no artigo *Biopolítica del Género* localiza como o motor desta organização tecno-capitalista, a hibridez entre a empresa, o estado e a sociedade - agenciando os poderes da biopolítica, em que o sexo biológico vinculado a identidade de gênero passam a servir à gestão política da vida.

Paul Preciado lembrou neste mesmo texto, a colocação de Teresa Laurentis que designa *as tecnologias de gêneros*, um circuito bastante complexo de técnicas, corpos, e signos que levam a compreensão, não só sobre as técnicas performativas, como também as biotecnológicas, midiáticas, cinematográficas entre outras que atuam como tentáculos da biopolítica na *tecnologia de gêneros* operantes no tecno-capitalismo.

Estas tecnologias, historicamente amparadas pelas conveniências da cultura de mercado, são historicamente produtores imanes das construções sociais e vetores totalizadores das subjetividades, a partir do direcionamento político e social ativando a construção de normatividade dos estilos de vida. Judith Butler e Athena Athanasiou em *Despossession: The Performative in the Political* (2004:17) visualizam a realidade da política neoliberal como uma *Thanapolítica* brutal que subjuga as identidades que não constituem as suas subjetividades, baseadas nas fantasias *normativas* que capacitam as *verdades* para um *bom estilo de vida*. Desse modo, segundo as autoras, a vida fica definida nas jogadas econômicas das grandes corporações, na submissão do Estado às questões econômicas, no fetichismo das mercadorias, na excitação consumista das massas, nas políticas de segurança dos estados-nações, e nos persistentes referenciais burgueses das tendências de moda. Estes aspectos, são ativos como constituintes dos

fluxos que atingem os dispositivos de uma subjetividade pautada na normatividade da biopolítica. Típica do tecno-capitalismo, seguem produzindo e reproduzindo a subjetividade intoxicada pelas tecnologias que visam controle e coesão social.

No entanto, a partir desta apresentação, pretende-se demonstrar que a tecnologia em rede social, e o reflexo digital dos recentes movimentos feministas - questionadores da violência sobre a mulher, do conceito de gênero, e das perversidades do sistema econômico vigente, são capazes de desempenhar instrumentalizar o uso político da rede em conexão. E fazerem-se úteis como resistência ao movimento da máquina tecno-capitalista, a qual historicamente segue acionando os dispositivos da subjetividade pelo poder da cultura de mercado e os valores de matrizes patriarcais conduzindo a inteligibilidade das massas.

É nesta subversão aos ideais totalizantes do tecno-capitalismo, que esta proposição de apresentação de estudo, visa reconhecer a possibilidade de outra faceta do biopoder. Apropriando-se das tecnologias em diferentes campos e discursos, específicos da contemporaneidade. Através das expressões dos feminismos em rede social/virtual, recortados dos recentes movimentos sociais online, serão observados adiante, estes feminismos na rede como fragmentos da *Multidão* - conceito sociológico recortado (no caso dos ciberfeminismos contemporâneo) em sua versão digital. Neste estudo, este conceito equivale ao que Preciado (2003) no artigo *Multitudes queer*. Notes for a politics of "abnormality", se referiu sobre as diferentes identidades de gênero, representando a menção teórica de Negri e Hard (2001),



quando os autores trabalham a ideia de revolução *dos explorados e subjugados*, formando uma *Multidão* contra o *Império*.

O Império, aqui é visto como controlador e manipulador efetivo dos mecanismos de poder que leva da sociedade disciplinar à sociedade de controle. Garantindo e estruturando padrão normativo construído conforme a base do que Preciado chama de tríade - entre *estado, empresa e sociedade*. Esta tríade articulada aos artefatos tecnológicos em conexão, é responsável pela disseminação dos modelos de vida, das fabricações de verdades e condutores de moralidades. Isso põe sentido ao que Preciado (2004:39) traz como *tecnobiopoder* – quando traz esta terminologia culminada por Haraway para lembrar que toda a ação do poder e de controle são passíveis de envolver todo *tecnovivo* conectado.

E é inspirando-se na produção de Haraway (1985) sobre tecnologia e ser vivo que este trabalho reconhece o potência do ciborgue. A autora foge da concepção totalitária de identidade como um elo de união entre as mulheres aspirando por um movimento feminista que seja heterogêneo. Deste modo rejeita as matrizes *imperialistas e totalizantes* da existência e defende que não há matriz identitária natural que una as mulheres, só pelo fato de serem mulheres. O que demonstra uma crítica ao feminismo radical que calca sua pauta na opressão de gêneros como a principal luta das mulheres. Mas é na potencialidade política gerada pelo acesso da tecnologia da comunicação que o ciborguismo de Haraway², é apresentado neste estudo,

² Relevando-se como força contrária aos valores da sociedade, Haraway em seu “Manifesto Ciborgue, 1985, constrói a figura do ciborgue, e o define como

representando a raiz do movimento ciberfeminista, assim como os espectros de luz que iluminaram a teoria queer.

Historicamente, os movimentos ciberfeministas que emergiram no início da década de noventa, tinham em vista, a libertação do ser humano das amarras binárias relacionadas a homem, mulher; branco, negro; homossexual, heterossexual; comunismo, capitalismo... Isso era almejado ao menos no ambiente do ciberespaço, inspirando assim, o pensamento sobre as identidades críticas das dicotomias binárias, a partir da ideia de neutralidade do ciberespaço³. Mas entre as feministas, alguns grupos passaram a questionar esta “neutralidade” do ambiente tecnológico, de modo a partir da crítica, começar a ramificar varias vertentes

uma “entidade, blasfemo irônico, incompleto que segue minando as categorias tão prezadas pela sociedade ocidental”; o ciborgue, para ela é a construção de um animal-humano, uma maquina orgânica física e não física, e como reflexo da própria sociedade capitalista e patriarcal, ele era considerado “desleal e insurrecional”. Seu ciborgue neste caso, adquiri capacidade de assumir um papel de sujeito pós moderno de guerrilha que assume as qualidades potentes de seu inimigo e utiliza-as para seus próprios fins ideológicos. A idealizadora do parece ambicionar uma revolução tecno-orgânica em busca de um ideal, feminista e usar o impulso capitalista como força para cooptação para uma revolução rumo á outro progresso histórico e intelectual. O “*Manifesto*” repudiava uma visão única e a representava como “as piores ilusões”, reivindica uma sociedade comprometida politicamente, e em tempo juntar “bruxas, engenheiros, anciões, pervertidos, cristão, mães, e leninistas” e desarmar o “estado””.

³ Vale lembrar que durante a década de noventa no ciberespaço, a internet ainda era pouco disseminada globalmente, e não havia redes sociais como Facebook com recursos de imagens, voz e filmes. A comunicação era apenas por chats sem áudio ou filmadora.



ciberfeministas questionadoras ou enaltecedoras da internet.

Entre estas categorias ciberfeministas, conheceu-se as seguintes correntes: o Ciberfeminismo Utópico Liberal, que liderado por Sandie Plant acreditava que o ciberespaço seria um ambiente de emancipação e novas possibilidades; o Ciberfeminismo diatópico-radical – que encontrava como símbolo teórico, o trabalho de Ziauddin Sardar e Judy Wacjman (2012), as quais mantiveram a tese que o ciberespaço representa a recolonização do ocidente, portanto não transcenderia a condição normativa da sociedade; e o Cyberpunk como princípio da ciber rebeldia e vertente da ficção científica que se inspirava diretamente no “*Manifesto Ciborgue*” de Haraway (1985).

A citada autora, como já apontado, fertilizou o terreno para o Ciberfeminismo e mais tarde à teoria Queer de Judith Butler, a qual atualmente, segue levantando um amplo debate sobre as questões performativas do gênero, principalmente quando estas concepções, debatidas na rede social digital, passam a ganhar cada vez mais espaço na esfera offline.

Pela condição contemporânea de ciborguismos a tecnologia da comunicação permite agrupamentos digitais em forma de comunidades feministas na rede social. É possível notar que estas novas representações de gênero no campo online instrumentalizam as mensagens pela máquina em conexão, a fim de interferir no sistema maquínico – é o que Deleuze e Gattari (2010:506) chamam de máquinas sociais. Ou seja, descodificam e ressignificam os códigos num processo que visa libertar as linhas de fuga e

remanejamento dos fluxos em outra direção, desestabilizando as estruturas normativas. A comunidade “Feminismo sem Demagogia-original”, por exemplo, se apropria da máquina de tecnologia de comunicação em rede (também típica dos desdobramentos das mídias de massa) para dar voz a um feminismo marxista que não se apega na ortodoxia materialista histórica, apresentando uma releitura feminista que pauta inclui outras opressões.

Por outro lado, fica claro que estes novos ciberfeminismos analisados são rachados por uma série de conflitos ideológicos entre eles mesmos, principalmente quando os feminismos materialistas histórico-radicalistas (TERF – feministas radicais trans excludente) não assimilam as interseccionalidades de opressões como pautas dos novos feminismos. As páginas “Gay – Anti Queer” e “Coletivo Feminista Radical Manas Chicas” acreditam que as referências Queer de adesão de feminilidade não passam de maneiras de sujeição ao sistema correspondente aos mecanismos neo liberais, quando cria-se um enorme mercado destinado à construção da feminilidade, vendendo a sujeição como algo libertador.

A anteriormente citada, “Feminismo sem Demagogia-original”, é uma comunidade representante da esquerda feminista e reconhecida como não original, pelas radicais porque abraça uma militância em torno das causas relacionadas a homofobia, transfobia, lesbofobia, machismo, xenofobia e demais opressões. O que para as feministas radicais, é um fato de grande prejuízo ao feminismo, já que ficam em segundo plano os problemas de divisão sexual do trabalho, legalização do



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aborto, violência física e psicológica sobre a mulher e a prostituição.

Desse modo, reconhecendo as modalidades conflitantes, constituiu-se como realização do objetivo, analisar as diferentes perspectivas dos feminismos online na Internet, mais especificamente ativas o Facebook. E constatou-se que estes movimentos são reverberadas pelas novas tecnologias da comunicação como configurações de correntes, muitas vezes, antagônicas nos diferentes discursos de feminismos. Porém de modo geral são significantes como vetores contemporâneos dos movimentos sociais que nascem da fusão entre corpo, tecnologia e conexão em alusão ao ciborgue de Hataway no uso das ferramentas tecno-capitalistas para uma quebra de valores de base do patriarcado e do neo liberalismo.

Portanto, a principal hipótese que está sendo testada, está na possibilidade destas expressões feministas e de gênero, servirem de amostras representativas do conceito de *Multidão*, ativos na rede social digital como um conjunto de singularidades que abarcam a rede e ativam a potência e a transcendência, conforme Negri (2004:16,17) inspira a pensar com sua definição *ontológica* sobre tal conceito.

Estas amostras são partes do recorte de diferentes feminismos em rede online como os recentes ciberfeminismos, potencializados pela comunicação em conexão tecnológica. Este mapeamento se fez possível, inspirando-se no exercício de observação oculta como parte do método proposto por Skågeby (2011). Neste caso, acompanha-se o conteúdo e a discussão das páginas dos feminismos no Facebook, sem atuar ou interferir nas

mesmas, apenas as seguindo e as analisando. Tal metodologia, que adiante será mais detalhada, confirma a hipótese anteriormente mencionada, quando, os recentes ativismos feministas na rede social, tratados aqui como expressões dos novos ciberfeminismos – podem reconhecidos como fragmentos do conceito de *Multidão* - em rede online, representando possibilidades de resistência ao caráter hegemônico do sistema patriarcal e econômico, assim como da racionalidade patriarcal/tecno-capitalista.

A partir disso, leva-se em consideração, o papel da própria tecnologia para produzir dispositivos competentes em ativar outros pontos de subjetividades e maneiras de existir. Tais *dispositivos* de subjetividade competem à noção de Foucault, sobre quando Deleuze (1996:3) os interpretam como máquinas que agem biologicamente / socialmente e nos fazem capazes de, falar, de fazer vermos e sermos vistos. Em cada dispositivo perpassam linhas de mutações que envolvem os campos estéticos, científicos, políticos, entre outros. Foucault resgata a subjetividade ateniense quando a eleva para além dos poderes, econômicos ou religiosos reconhecendo outras tipologias de formações subjetivas. É onde os ciberfeminismos podem representar este recorte da *Multidão* online/offline. Segundo a leitura de Deleuze sobre Foucault, as formações subjetivas não são fixas, proporcionado assim, produções de subjetividade que saem dos poderes e dos saberes de um dispositivo para o outro, potencializando outras formas de nascer.

Como representação deste movimento dos dispositivos, a máquina em conexão em rede social online serve como um campo fruto do ideal colonizador e patriarcal. Mas serve também como um campo que pode



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

proporcionar a reinvenção das subjetividades. Metaforizando Hataway (1985) em seu ciborgue insurrecional e toda Multidão que se organiza e se comunica digitalmente na tentativa de revolucionar socialmente, desempenham um rompimento com o padrão tradicional da *racionalidade tecnológica* na linha histórica do tecno-capitalismo. Em tal conceito de racionalidade, Marcuse (1979:37) aponta sua principal característica política ser o melhor veículo de utilidade de dominação e para a construção de um universo totalitário. Desse modo, os recentes ciberfeminismos na rede serão considerados como rota de fuga da totalidade, da unidimensionalidade do pensamento que se rende as ilusões fabricadas pelo sistema tecno-capitalista.

Continuando com Marcuse, a condição *unidimensional* do tecno-capitalismo e suas estruturas rígidas pautadas no desenvolvimento tecnológico servem para sustentação de poderes e sucessos mercadológicos, e ainda sustentados por valores tradicionais da normatividade. Isto é na reprodução de padrões de vida, gerando o homem-máquina ou sistemas-máquinas, cujo os dispositivos são facilmente aptos à aniquilar possibilidades criativas do modo de viver. Assim, os produtos do tecno-capitalismo seguem fabricando criaturas preconceituosas, homofóbicas que se alimentam de ganância, consumismos, alienação e prepotência colonizadora, em proporções globalizantes. Portanto, são os ideais humanos que alimentam os dispositivos contrários à estes valores perigosos e até fatais, que esta análise busca trazer e os revelar como agentes de resistência, a partir da imagem e das mensagens dos novos ciberfeminismos em rede social online. Onde gera-se um mecanismo de poder contra os modelos normativos e reguladores dos

modelos de vida, num viés de remanejamento dos fluxos que permeiam os dispositivos de subjetividade potencializados pelo ler, pensar, escrever e agir em rede social/digital.

O poder e a máquina são fortemente interligados e Butler (2001:12) em sua obra sobre os Feminismos, a *sujeição e os mecanismos psíquicos do poder*, relembra Foucault, reconhecendo o poder como não sendo apenas algo que opõe, e sim uma maneira de narrar nossa existência e dizer quem somos. A máquina e a política por si só não libertam o sujeito, pelo contrário são elaboradas para dominar, mas também oferecem os mecanismos e os dispositivos indagadores das estruturas que mantém o que Butler (2001:95) chama de *sujeição do sujeito*. O projeto de subjetivação que para Foucault se dava no corpo, agora se dá na condição corpo/máquina – ciborgues que não deixam de reproduzir os rituais de normatização. Mas também representa uma forçapotencial, geradora de transgressão destes parâmetros estruturais pautados em valores caducos. Os recentes ciberfeminismos em rede social/digital são reconhecidos aqui pelo enfrentamento destes códigos. Porém, as direções ideológicas destes ciberfeminismos não se dão maneira heterogênia. Os ciberfeminismos recentes, assim como os que emergiram com a internet, possuem ramificações diferentes, mesmo quando as diferentes vertentes publicam mensagens similares.

Ao percorrer o campo redes sociais focando-se nas páginas feministas e de gêneros, percebe-se que muitas vezes a criatividade é capturada por uma máquina de repetição do mesmo, onde muitas comunidades possuem temáticas diferentes, mas com questionamentos similares, conforme



colocado anteriormente. Desse modo, fez-se necessário realizar o levantamento das principais páginas Feministas, ativas no Facebook⁴, com mais de quinhentos mil seguidores para formulação desta proposta de apresentação: *Feminismo sem Demagogia; Geledés – instituto da mulher negra e Moça, você é machista*, serviram como fonte de coleta de dados, e seu critério de seleção ficou respectivo às atividades de reivindicações e contestações entre os direitos das mulheres cisgênero e transgênero na dimensão online. A observação oculta⁵, entre páginas selecionadas e marcadas para o campo online, segue de outros dados específicos encontrados além do Facebook; em blogs e sites - coletados quando apontam as questões e direções do estudo no campo digital. Desse modo, a coleta identificou o que se trata de relevante na distribuição de uma variada discussão sobre os ciberfeminismos no tecnocapitalismo. Tal procedimento, se fez útil, pois impediu que fosse visualizada uma única questão. Como material, o Google também ofereceu uma fonte contínua, na busca sobre a discussão no foco dos ciberfeminismo em rede online e offline. Como sugere Skågeby (2011), há sempre uma aliança entre a

⁴<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts>;
<https://www.facebook.com/geledes/?fref=ts>,
<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/?fref=ts>

⁵ O exercício de observação oculta proposto por Skågeby (2013) – com ingresso às páginas, mas sem participação e interação com o grupo ou atores estudados em rede social/digital, é um método para fidelidade aos dados, o qual remete ao pretenso aprofundamento desta pesquisa, à teoria de Latour (2012: 231) quando analogamente, o Ator-Rede é remetido a um cuidado extremo do pesquisador para não manipulação de sua ação, optando assim por uma narrativa descritiva com desarranjos de associações leais aos dados coletados, o que também garante a devida atualização dos dados.

linguagem e a tecnologia e estas duas linguagens juntas oferecem um potencial bastante rico para a coleta e análise de dados. A quantificação das mensagens ciberativistas foram selecionadas pelo critério de atuação⁶ social/digital na esfera da política feminista em grupos do Facebook, ativa pelas postagens que geram agendas, debates e informações.

Tal trabalho, sobre a atuação feminista envolvida com a tecnologia e sua interação entre rede/rua, segue o que Latour (2012), sugere, quando defende tecer redes de atores, visando permitir o estabelecimento de uma gama de combinações e operações.

A necessidade de questionário e entrevistas não se fez necessário pois a gama de páginas estudadas e os questionamentos levantados e publicados por elas trouxeram as luzes necessária às questões sem que se necessite de mais aprofundamento nas colocações dos atores sociais/digitais. Mesmo porque, estas comunidades atuam de forma descentralizadas, e as moderadoras não se apresentam como líderes. Castells (2012:210) quando discorre pelos recentes movimentos em rede, os reconhece como *alavanca das mudanças sociais*. Para o autor, não mais necessitam de uma *liderança formal ou organização vertical para passar informações ou instruções*, pois a partir do inter-relacionamento com diversos núcleos online e offline, as funções de coordenação e deliberação, já se dão garantidas. O

⁶ O critério do olhar que seleciona os perfis significantes na atuação política social digital dos movimentos feministas no Facebook, segue neste estudo, a proposta de Latour (2012:191), quando lembra que um *ator que não faz diferença, não é um ator*, e propõe o desdobramento dos atores como *redes de mediações*, cultivando sempre as *descrições* dos *Atores em Rede*.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

movimento ficam praticadas em rede. *Marcha Mundial das Mulheres* em sua página do Facebook⁷, serve como uma prévia amostra do sentido às palavras do autor, pois se apresenta como um movimento sem líder ou partido apresentada como uma proposta global de luta: *feminista e anticapitalista para mudança do mundo e da vida das mulheres, contra a pobreza, a violência sexista, a mercantilização dos corpos das mulheres e pela legalização do aborto*. Frequentemente, a marcha desempenha a ocupação do espaço público em diversas cidades do país, sob esta circunstância: sem líder, e se inter-relacionando em vários formatos de mídias integradas por blog, site e imagens e mensagens publicadas em página no Facebook. Consolidando-se assim, no que o autor chama de *movimento*, quando, embora esteja inicialmente articulado pelas redes sociais da internet, persiste como *manifestação de rua*. É no *híbrido entre cibernética e espaço urbano* que Castells encontra a possibilidade de autonomia dos movimentos - locais e globais, pelo desafio do contraponto à ordem institucionalizada, fato este, que vem a dar sentido às reivindicações pelas estratégias de ações dos movimentos sociais/digitais que este trabalho no formato amplo de tese, ainda está investigando.

Dando continuidade ao método de constante monitoramento das comunidades feministas que atuam no Facebook, percebe-se espectros do ciborgue de Haraway observados nas expressões feministas em rede social. Pois, o gênero e as perversidades do tecno-capitalismo passam a ser questionado pelas ciberfeministas e o ambiente da tecnologia

7

<https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil/?fref=ts>

online passa a ser o campo de debates e discussões emancipadoras da normatividade. Isso se faz evidente, além dos questionamentos sobre as dicotomias de gênero; quando localizam-se politicamente no socialismo, no marxismo ou anarquismo⁸ sempre vertente de esquerda, não foi diagnosticada comunidades feministas que se intitulam “liberais”, ou expressam adesão à estas vertentes. Embora o feminismo materialista histórico considera a teoria Queer um teoria liberal. Ao contrário da esfera ideológica que permeia os recentes ciberfeminismos, as páginas que atuam e reivindicam em favor das minorias de gênero, como a comunidade *Transfeminismo*⁹ e o grupo *Políticas de cotas para Travestis e Transsexuais*¹⁰, por exemplo, encontram-se mais focados em projetos ou pautas específicas sem centralização em correntes políticas.

Os resultados deste estudo, repercutem sobre as novas atuações ciberfeministas dimensionando suas propostas, levando em consideração a amplitude e abrangência do sistema tecno-capitalista, as quais historicamente interligam as questões de gênero às questões políticas e econômicas que desembocam no recente neoliberalismo. Tais aspectos demonstram, por exemplo, que as causas ecológicas e sociais são urgentes entre reivindicações feministas. As ciberfeministas seguem colocando entre as pautas, a resistência sobre o modelo tecno-capitalista.

⁸ Anarcho-Queer -

<https://www.facebook.com/anarcho.gender/?fref=ts>

Anarcho-Feminist - <https://www.facebook.com/The-Anarcho-Feminist-136330899727311/?fref=ts>

⁹ <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts>

¹⁰

<https://www.facebook.com/groups/140219948334941/?fref=ts>

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os recentes ciberfeminismos reconhecem o vetor do sistema totalizador, ao mesmo tempo, discriminador e normalizador do controle e da violência contra a mulher, as minorias sociais e de gênero, e o meio ambiente, e outros que desdobram-se em forma de diversas máquinas de opressões. O que pode explicar a maneira como as páginas ciberfeministas no Facebook se apresentam: *Marcha Mundial das Mulheres – Bahia-movimento feminista e anti-capitalista. Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!* Desse modo, estes dados demonstram que os resultados aproximam-se da hipótese, quando estes movimentos ciberfeministas são reconhecidos aqui como as amostras à *multidão* – atuantes não apenas na esfera online, pois pelo desempenho desta pesquisa, demonstram-se bastante ativa a articulação presencial entre as relações rede/rua.

A constatação deste desempenho pode ser observada ao proliferar as marchas feministas no país, contra o projeto de lei 5069, de autoria do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Por este fato, pode-se concluir que os feminismos ganharam força nas ruas das grandes capitais brasileiras no final de outubro do ano de dois mil e quinze, pela articulação proporcionada, pela tecnologia da comunicação em rede social online, mais especificamente, o Facebook, onde têm-se evidente, os novos ciberfeminismos, digitalmente nítidos para que este estudo os reconheça como movimentos políticos e sociais em rede online.

Consuma-se então que, pela condição dos ciborguismos contemporâneos, estas atuações online, por textos, imagens e depoimentos, e a rua se fazem elementos de potências para construção de novas subjetividades,

estimulando a reflexão crítica sobre as normas patriarcais, colonizadoras, normativas e neoliberais, em questões relacionadas aos direitos à livre performance do corpo, contra a exploração da terra, do trabalho, do monopólio das grandes corporações, da fabricação dos estereótipos femininos pelas mídias; do direito ao aborto e entre outras questões, que rumam em direção às ruas, ou à consciência crítica, através da apropriação dos meios tecnológicos como forma de elucidação, chamado e organização.

De maneira lúdica, mas revolucionária, a proposta do ciborgue de Haraway como metáfora em torno da atuação pela tecnologia corresponde nesta análise à *Multidão* online - como deserção ao sistema, apropriando-se da tecnologia comunicacional viabilizada pelo tecno-capitalismo como condição de subversão aos ideais controladores operantes das subjetividades do sistema maquínico com novas dinâmicas para se pensar o corpo, a família, a sociedade e a propriedade. É a condição ciborgue metaforizando a competência de estimular o imaginário para um caminho de resistência ao biopoder, atuante sempre com a pretensão totalizante na dominação da vida e seus desejos. Transformando, assim a biopolítica no avesso desta dominação normativa pela energia ativista ativa – a tecnobiopotência como o combustível da *Multidão*. Tanto como utopia ou como projeto concreto ativo, a condição ciborgue na *Multidão* social/digital, pode ser encarada como defesa ao incômodo gerado por uma crise global da democracia e seus sistemas políticos condutores das desigualdades que derivam e se alastram a partir do modelo patriarcal para economia tecno-capitalista.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os movimentos feministas desdobrados nos ciberfemismos em rede social online, podem reforçar a resistência, à histórica estrutura de poderes, hegemonicamente capitalistas e patriarcais e alimentar os dispositivos de subjetividades com a potencialidade de transmutação e transformação das bases do tecno-capitalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel; *O poder da identidade* (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 2). Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999

CASTELLS, Manuel; *Comunicacion y poder*. Tradução de Maria Hernandes. Cidade: Madri; Ed. Alianza, 2009.

GUATTARI Felix in: *Da Produção de Subjetividade*

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O anti- Édipo, 2011 in:
<https://docs.google.com/file/d/0B3obVtpeKSlicmhpZlhKSVowNE0/edit>

FEMENIAS, M. L. “Nota acerca del orden social y la situación de la mujer en la *Política* de Aristóteles”.IV Jornadas de Estudios Clásicos, 1987

<http://www.hiparquia.fahce.unlp.edu.ar/numeros/voli/hiparquiav1a1>

HARDT, Michel; NEGRI, Toni. *Multidão*: Tradução: Clovis Rossi Marques; Rio de Janeiro, ed Record, 2005

HARAWAY. Donna. MANIFESTO CIBORGUE – ciência, tecnologia e

feminismo socialista no final do século XX 1985

LATOURETTE, Bruno; *Reagendando o Social – uma introdução à teoria Ator-Rede*. Tradução do Gilson Cesar de Sousa; Salvador/Bauru ed. EDUSC,2012

MARCUSE, Herbert; *A Ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional*; Zahar, 1979

NEGRI, Antônio; *Para uma definição ontológica de multidão in:*

http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20ontol%C3%83%C2%B3gica%20a%20multid%C3%83%C2%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf

PRECIADO, Paul; *Biopolíticas del género*, 2009. in <http://masculinidades.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>:

PRECIADO, Paul ; *Multitudes queer*. Notes for a politics of "abnormality", 2003

SKÅGEBY, Jörgen. *Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community*. Sweden: Ed. IGI Global, 2013.

WAJCMAN, Judie *Feminism Confronts Technology in:*
[tps://books.google.com.br/books?id=_Hiry47GtWsC&pg=PA1905&dq=Judie+Wacjman&hl=pt-BR](https://books.google.com.br/books?id=_Hiry47GtWsC&pg=PA1905&dq=Judie+Wacjman&hl=pt-BR)>

WILDING, Faith: *Where Is the Feminism in Cyber-feminism?*
http://www.obn.org/cfundef/faith_def.html



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

WINNER, Langdon. Autonomous
Technology Technics-out-of-Control as a
Theme in Political Thought, 1977

WINNER, Langdon *in*: Nuevas Tecnologías,
Género, Ciberfeminismo y reappropriaciones
sociopolíticas

[http://www.cibersociedad.net/congres2009/es/
coms/nuevas-tecnologias-genero-
ciberfeminismo-y-reappropriaciones-
sociopoliticas/161/](http://www.cibersociedad.net/congres2009/es/coms/nuevas-tecnologias-genero-ciberfeminismo-y-reappropriaciones-sociopoliticas/161/)

“Articulação das Mulheres Brasileiras”
<https://www.facebook.com/articulacaodemulheres?fref=ts/>>

“Marcha Mundial das Mulheres”
<[https://www.facebook.com/marchamundiald
asmulheresbrasil?fref](https://www.facebook.com/marchamundialasmulheresbrasil?fref=)>

“Feminismo sem Demagogia”
[https://www.facebook.com/FeminismoSemDe
magogiaMarxistaOriginal/?fref=ts](https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts)



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

R



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br